

# Caminhos da leitura no Brasil: a *Coleção Menina e Moça* e a formação de leitoras mirins nas décadas de 1930-1960

Mirian Hisae Yaegashi Zappone\*

## **RESUMO:**

---

O artigo abordará a coleção de livros intitulada *Menina e Moça*, publicada pela editora José Olympio, a partir de 1934, como uma estratégia de formação de leitores no Brasil, particularmente de leitoras mirins. A análise focará os elementos inscritos tanto na materialidade dos textos da coleção quanto em suas estratégias composicionais (personagens representados, narradores, estrutura das fábulas). Tais aspectos apontam para um público feminino ideológica e esteticamente constituído que se pretendia formar por meio das leituras ofertadas na coleção.

**Palavras-chave:** Leitura no Brasil. Leitoras mirins. *Coleção Menina e Moça*.

Reconstituir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada [...]. O conhecimento dessas práticas plurais será, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. Com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução (CHARTIER, 1999, p.103)

A epígrafe de Chartier com a qual inicio este texto refere-se ao fato de que a leitura, esta atividade volátil que se perde no tempo e no espaço onde é realizada, é sempre uma atividade incontrolável e dificilmente apreensível. Como leem os leitores? Que sentidos produzem para os textos quando deles se apropriam? Estas são questões difíceis de serem respondidas, uma vez que a leitura enquanto prática de uso da escrita envolve questões de ordem cultural, identitária, histórica, cognitiva e outras que a tornam extremamente complexa e, na opinião de Chartier (1999), inacessível.

Na impossibilidade de apreender as leituras realizadas pelos leitores, o impresso se apresenta como o único indício objetivo e concreto das leituras que poderiam ser efetivadas do livro. Nesse sentido, o autor propõe que se pense a história da leitura, postulando-a como uma prática social e histórica. Ao mesmo tempo, propõe que os atos de leitura que dão significados (plurais e móveis) aos textos situam-se no encontro de dois vetores: 1- Nas maneiras de ler, coletivas ou individuais que podem ser herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas; 2- Nos protocolos de leitura inscritos no objeto lido. Estes últimos são compreendidos como senhas menos ou mais explícitas que estão presentes nos textos e por meio das quais o autor tenta regular a leitura de seus públicos, constituindo, portanto, indícios da leitura deles efetuada. Esses protocolos da leitura atuam como instruções de leitura e situam-se tanto nos níveis textuais quanto materiais dos textos, como salienta Chartier:

Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e

compreensão, [...] Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja. Mas essas primeiras instruções são cruzadas com outras, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto (CHARTIER, 1996, p. 95-6).

Os livros constituem-se, portanto, como indícios das leituras que deles podem ter sido realizadas. É neste sentido que se apresenta uma análise da *Coleção Menina e Moça*, publicada, a partir de 1934 até meados de 1960, pela Editora José Olympio (HALLEWEL, 2005, p. 461) e que representou, segundo Miceli (2010), grandes percentuais de leitura nas décadas de 1940, fomentando um público específico, o das adolescentes leitoras.

### **A *Coleção Menina e Moça* no cenário editorial brasileiro**

Segundo Carvalho e Toledo (2007), uma coleção de livros representa uma estratégia editorial dotada de características específicas. Cada coleção tem contornos diferenciados, pois é elaborada a partir de condições específicas ditadas por variáveis de ordem econômica, cultural, política e ideológica. Assim, para as autoras, a edição de uma coleção configura uma dupla inserção num lugar de poder: 1) inserção numa lógica de mercado por parte do editor que possui objetivos notadamente comerciais; 2) inserção em uma política cultural e ideológica que deposita em seus livros certa missão (CARVALHO; TOLEDO, 2007). É neste sentido que se pretende verificar como os textos da *Coleção Menina e Moça* se constituem em uma estratégia editorial específica de formação de leitoras mirins.

A décadas de 1930 a 1940 representam um momento particularmente excepcional no universo editorial brasileiro, marcado pela ampliação significativa de públicos, de casas editoras, da implementação de inovações técnicas relacionadas ao formato dos livros e das técnicas para sua produção. Há, segundo Ventura (1985), crescente aumento no número publicações de autores nacionais e estrangeiros. O mesmo autor observa a elaboração de coleções de livros por parte de grandes editoras brasileiras como estratégia mercadológica para atendimento de públicos que se especializavam. A Companhia Editora Nacional, editora expoente na época, elaborou as coleções como a Terramar, voltada para o público jovem masculino, a coleção Biblioteca das Moças, para mulheres, Para Todos, Biblioteca do Espírito Moderno, Coleção Brasileira e a famosa Biblioteca Pedagógica Brasileira, objetivando, segundo Dutra (2004) e Toledo (2009), uma segmentação do mercado leitor. Na mesma direção, a José Olympio organiza a famosa coleção Documentos Brasileiros, sob a coordenação de Sérgio Buarque de Holanda, além de investir no mercado para adolescentes com a *Coleção Menina e Moça*. Importante destacar que neste período ganha relevo a figura do editor enquanto agente de desenvolvimento da cultura nacional.

É neste cenário de ampliação de públicos que a editora José Olympio traz para o Brasil uma coleção de livros voltada para o público feminino adolescente: tratava-se da *Coleção Menina e Moça*, conjunto de livros traduzidos do francês e que representava uma linha de leituras bastante diferenciada da editora, tradicionalmente conhecida por editar autores nacionais, sobretudo escritores nordestinos

até então inéditos. Além disso, segundo Halewell (2005), esta foi a única iniciativa da editora voltada para a juventude, já que seu público visado era notadamente adulto.

A *Coleção Menina e Moça* consistiu na tradução da *Bibliothèque de Suzette*, famosa coleção publicada na França a partir de 1920 pela casa editora Gautier-Languereau. Segundo Mason (2005), a livraria Gautier foi sucessora de um editor de livros religiosos chamado Charles Blériot que se associa a seu sobrinho, Maurice Languereau, e se torna uma casa especializada em literatura para crianças. Em 1905, publica *La Semaine de Suzette*, um periódico destinado a meninas da burguesia católica francesa conservadora. Nos anos seguintes a 1920, a Gautier-Languereau dá início à *Bibliothèque de Suzette*, na qual eram publicados romances já apresentados no periódico *La Semaine*. Dez anos depois, a coleção contava com mais de 65 títulos (MASON, 2005) cuja leitura era apreciada por adolescentes de vários países da Europa.

Segundo levantamento do mesmo autor, editores católicos foram muito bem sucedidos no negócio de livros para infância e juventude nas primeiras décadas do séc. XX na Europa. Em 1925, 7 editores representavam 1/4 dos títulos de literatura infantil. Em 1930, 12 editores representavam 1/3 de todos os títulos destinados à infância na Itália, França e Espanha (MASON, 2005, p. 190), fato que ilustra a hegemonia de editores católicos e sua influência na constituição de públicos mirins.

Talvez influenciada pelo sucesso da coleção francesa e observando a hegemonia católica no Brasil, a editora José Olympio elabora a *Coleção Menina e Moça*, valendo-se de estratégias editoriais que visavam a formação de um público muito específico: meninas da burguesia católica, tal qual prevista na coleção francesa, como se verá a seguir.

### **Leitoras e leitura na *Coleção Menina e Moça***

A análise proposta será realizada a partir de um conjunto de 13 narrativas da *Coleção Menina e Moça*, compreendidas como fontes primárias. Dentre essas, foram observadas as materialidades de dois textos, a saber, *Sir Jerry na Bretanha*, de M. Catalany e *O lagarto azul*, de A. Amestoy. Os aspectos materiais considerados foram as capas, folhas de rosto, contracapas ou quarta capas, segunda orelha e folhas de guarda das duas narrativas. Esses elementos materiais do impresso indicam aspectos relevantes tanto sobre as leitoras pressupostas para a coleção quanto sobre as suas orientações ideológicas, bem como as estratégias comerciais da casa editora, como já bem observou Silva (2010) em análise referente à mesma Coleção, na qual a autora analisa os aspectos materiais da narrativa intitulada *O segredo do velho Martin*. Embora sejam consideradas apenas as materialidades desses dois livros, deve-se levar em consideração que outros livros da coleção apresentam as mesmas informações, com pequenas variações, alternado-as em diferentes partes dos livros.

A folha de rosto do livro *Sir Jerry na Bretanha*, doravante, *SJB*, anuncia a *Coleção Menina e Moça* como uma iniciativa única no Brasil já que seus livros eram endereçados a um público muito específico: as meninas e adolescentes cuja faixa etária as colocava numa condição particular, já que se encontravam ainda em formação. Tendo como horizonte a formação deste público muito específico, a editora José Olympio organiza estratégias muito eficazes de endereçamento de seus livros, chamando atenção tanto para a exclusividade da coleção – voltada para meninas, inclusive marcando as idades de suas leitoras – entre 10 e 16 anos, quanto para sua especificidade desta faixa etária, caracterizada pela transitoriedade e suscetibilidade. Estes aspectos podem ser observados a partir do texto apresentado na folha de rosto de *SJB*:

OS MAIS ENCANTADORES ROMANCES PARA A JUVENTUDE FEMININA

COLEÇÃO  
MENINA E MOÇA

\*\* 10 -16 anos \*\*

\*

ÚNICA EXISTENTE NO BRASIL

\*

**MENINA E MOÇA**

“Está naquela idade inquieta e duvidosa,  
Que não é dia claro e é já o alvorecer;  
Entre-aberto botão, entre-fechada rosa,  
Um pouco de menina e um pouco de mulher”  
Machado de Assis (GIRAUD, 1947, folha de rosto).

A transitoriedade do leitor se marca tanto por meio da fixação da faixa etária – 10 a 16 anos – quanto pelas metáforas construídas na quadra de Machado de Assis, “entre-aberto botão”, “entre-fechada rosa”, evidenciando que a leitora da coleção se caracteriza pelo fato de não ser criança, mas ainda não ser adulta, portanto, em estado de formação, entre menina e mulher. Além de ressaltar a exclusividade da coleção – única existente no Brasil –, o editor procura afiançar o valor dos livros da coleção a partir da menção a vários autores e personalidades importantes dentro do campo literário nacional:

Sob o tríplice aspecto

MORAL

LITERÁRIO E

GRÁFICO

os escritores

Tristão de Athayde, Rachel de Queiroz, Vivaldo Coaracy, Lúcia Miguel-Pereira,

Pe. Negromonte, Valdemar Cavalcanti

recomendam vivamente a

COLEÇÃO MENINA E MOÇA

Para idade de 10 a 16 anos (GIRAUD, 1947, orelha).

Entendendo o livro e, particularmente, a coleção de livros enquanto um bem simbólico, José Olympio parece conhecer a influência que os agentes do campo literário exerciam sobre o imaginário dos leitores e dos mediadores de leitura (os pais das leitoras mirins). Nesse sentido, convoca como avalistas de sua coleção figuras importantes da época: Tristão de Athayde, Valdemar Cavalcanti e Lúcia Miguel-Pereira são críticos literários conhecidos e cuja influência se fazia sentir no mundo letrado da época e são eles, portanto, que podem garantir a qualidade literária e gráfica da *Coleção Menina e Moça*. Ao mesmo tempo, Rachel de Queiroz e Vivaldo Coaracy, respectivamente, uma escritora e um jornalista, atestam, a partir da ótica da criação literária, o valor dos textos enquanto arte.

Ao invocar a figura do padre Álvaro Negromonte, a coleção se torna afiançada sob o aspecto moral, uma vez que o educador e religioso foi um dos mais significativos representantes católicos na década de 1930 a impor-se à frente de intelectuais liberais que, desde a Proclamação da República, tendiam a ver na Igreja Católica um setor retrógrado e resistente a mudanças (ORLANDO; NASCIMENTO, 2007). Além disso, Negromonte organizou, segundo Orlando (2009), uma série

de estratégias educativas (mudanças no aspecto material e textual de catecismos, ações pedagógicas) com a finalidade de fortalecer a igreja católica que se enfraquecia diante das campanhas anticlericais baseadas no liberalismo, no positivismo, e na maçonaria. Foi também instigado nesta missão pelo crescimento de outras religiões entre as quais o protestantismo e o espiritismo. Transitando entre o meio religioso e pedagógico, a figura de Álvaro Negromonte sintetiza um dos princípios sob os quais a editora pretende construir a imagem da *Coleção*: a sua orientação moral e católica. A folha de rosto do livro *O lagarto azul*, de A Amestoy, evidencia que tanto Álvaro Negromonte quanto Tristão de Athayde são os representantes escolhidos para avaliar os princípios morais e religiosos da coleção:

Como duas ilustres figuras das nossas letras julgam a *Coleção*:

TRISTÃO DE ATHAYDE (Escritor e professora da Universidade do Brasil – Presidente da Ação Católica Brasileira)

“... iniciativa altamente louvável. São raros os bons livros para moças, em português. Uma coleção como essa em que a qualidade literária não perturba o nível moral e vice-versa, é um grande serviço prestado à mocidade feminina.”

PADRE ALVARO NEGROMONTE (Educador – Diretor do Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio de Janeiro):

“É uma coleção mimosa, de pequenas histórias interessantes, de bem acentuadas lições morais, de um discreto perfume religioso às vezes (sic), que pode estar nas mãos de todas (sic) as adolescentes, divertindo-as, encantando-as, edificando-as” (AMESTOY, 1954, folha de rosto).

A presença de Tristão de Athayde, como personalidade que recomenda a *Coleção* atua em duas direções, seja enquanto crítico literário seja como um atuante membro da Igreja Católica. Como aponta Magalhães (2005), o intelectual teve participação fundamental frente ao movimento de fortalecimento da igreja católica durante o Estado Novo, sobretudo na direção da Ação Católica Brasileira, movimento que abarcava laicos e religiosos com o objetivo de organizar internamente a igreja, disseminar seus valores e melhorar sua imagem junto à sociedade brasileira.

Percebe-se, portanto, que havia por parte do editor uma clara intenção de que o público pudesse relacionar a *Coleção* aos valores católicos e morais que estavam subjacentes à presença dos autores e personalidades escolhidas para afiançá-la. Tais valores ficam ainda mais evidentes quando se observa a nota explicativa do editor sobre a *Coleção*, evidenciando sua função formativa ao proporcionar ensinamentos sobre a vida e “advertência moral” para a formação do caráter das moças e das adolescentes a que se destinavam, envoltos à ludicidade dos enredos:

A COLEÇÃO MENINA E MOÇA é constituída de pequenos romances que encantam e prendem pelo enredo (sic), oferecendo, ao mesmo tempo, às suas leitoras, oportuna advertência moral e ricos ensinamentos pelo que encerram de observações sobre a vida e a humanidade [...] a par do recreio espiritual que lhes proporciona, a *Coleção* oferece ainda às moças o primeiro ensejo de refletirem sobre a existência. Despede-se a alma feminina, na adolescência, dos seus sonhos ainda ligados ao mundo das bonecas, para dar os passos iniciais da fase adulta, a idade do salto alto. Fase delicada da vida feminina, a dos 10 aos 16 anos, pois é nela que se vai ultimando a plasmação do caráter, e é nela que os olhos da moça se vão abrindo para o conhecimento do mundo (AMESTOY, 1954, verso da folha de rosto, grifo nosso).

Tal aspecto formativo é destacado enfaticamente na orelha do livro *SJB*, onde se observa a interlocução direta do editor com as leitoras, fala na qual fica evidente o perfil da leitora que se pretendia formar: uma leitora que tivesse formação moral sadia, de caráter aprimorado, que se alinhasse ao gosto literário letrado, já que leitora de bom gosto e que pudesse apreciar os “preciosos tesouros da literatura”. Finalmente, uma leitora cuja formação contribuísse para torná-la, futuramente, mãe de família:

Nada mais pernicioso que a má leitura na formação moral da juventude. Procure ler romances que a encantem, jovem leitora amiga, mas romances de confiança *que a ajudem a aprimorar-lhe o caráter, que a ajudem na sua formação moral sadia*, que farão do lindo “entre-aberto botão, entre fechada-rosa”, que v. é agora, *uma leitora de bom-gosto e uma mãe de família firmemente orientada*.

A menina e moça divulga os romances da famosa “Bibliothèque de Suzette”, tradicional e encantadora coleção das moças de França. V. os tem, em nossa bela língua, criteriosamente traduzidos e agradavelmente apresentados, fazendo, assim, *despertar seu bom-gosto para os preciosos tesouros da literatura*, que você, rosa desabrochada, certamente irá saborear (GIRAUD, 1947, orelha, grifo nosso).

Em pleno acordo com os discursos políticos e sociais que se acercavam da mulher nas primeiras décadas do século XX, a orientação ideológica da *Coleção Menina e Moça* voltada à formação de futuras esposas e donas de casa alinhava-se aos discursos conservadores que reagiam às mudanças comportamentais experimentadas pelas mulheres no período mencionado. A mobilidade espacial das mulheres nas ruas e a participação política de algumas, somadas a mudanças sociais foram vistas como ameaças à ordem social, como apontam Maluf e Mott:

Diante da variedade de questionamentos, experiências e linguagens tão novas que as cidades passaram a sintetizar, intelectuais de ambos os sexos elegeram como os legítimos responsáveis pela suposta corrosão da ordem social a quebra de costumes, as inovações nas rotinas das mulheres e, principalmente, as modificações nas relações entre homens e mulheres. Conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do estado” e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da “modernidade” (MALUF; MOTT, 2012, p. 373).

A ordem familiar precisava, portanto, ser mantida e para tal um vigoroso discurso ideológico foi construído visando a “difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao ‘recôndito do lar’ e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações até encaixá-la no papel de ‘rainha do lar’, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa” (MALUF; MOTT, 2012, p. 373). Desse modo, as orientações católicas e morais presentes na materialidade dos livros da *Coleção Menina e Moça* parecem ser uma das faces deste discurso no qual as mulheres precisam ser disciplinadas a papéis restritos ao espaço doméstico. Por essa razão, a *Coleção* é apresentada às leitoras como uma alternativa de lazer que pode se contrapor a outras formas de diversão que, por sua vez, poderiam levar, em favor da modernidade, a prejuízos e desvios morais das jovens como se nota na orelha do livro *O lagarto azul*:

Não deixe para amanhã a organização da biblioteca de sua filha. Antes que ela se acostume a leituras que lhe podem ser muito perniciosas à formação moral e intelectual, ponha em suas mãos a Coleção Menina e Moça, habituando-a a escolher sempre a boa leitura. A leitura escolhida é das melhores armas de defesa moral para as meninas, mocinhas adolescentes na difícil luta contra as seduções da vida moderna. Se sua filha tiver nas mãos um bom livro, deixará de ver um filme pernicioso, de ler uma revista perigosa ou de sair em má companhia (AMESTOY, 1954, orelha).

Como salienta Chartier (1996, 1999), os livros instauram certa ordem de leitura, indicando apropriações adequadas que deles se pode fazer. Construídos por meio de dispositivos tipográficos presentes na materialidade dos livros, os protocolos de leitura também se estabelecem a nível textual através de convenções sociais e literárias feitas por seus autores.

### **Convenções literárias e sociais na *Coleção Menina e Moça***

Tendo observado as convenções de leitura presentes na materialidade dos livros da *Coleção Menina e Moça*, passa-se para a análise dos protocolos de leitura presentes no nível textual. Como forma de investigação das convenções literárias e sociais presentes nos textos, foram elaboradas fichas de leitura para as personagens das 13 narrativas selecionadas no corpus com o objetivo de realizar um levantamento<sup>1</sup> das representações sociais das personagens a partir de aspectos como religião, sexo, idade, posição na trama, relações sociais desenvolvidas pela personagem. Sobre as convenções literárias, foram observados os tipos de narradores, espaço, tempo e desfecho das narrativas bem como a construção das fábulas.

Com relação às histórias ou fábulas apresentadas nos livros da *Coleção*, fato que chama atenção é que todas apresentam numerosos acontecimentos, com frequentes reviravoltas, aproximando-se das narrativas de aventuras. Soma-se a isso um grande número de personagens que ladeiam os protagonistas. Quase invariavelmente, nas histórias há a presença de um interdito, pois os protagonistas devem vencer obstáculos, resolver algum tipo de enigma ou desvendar algum mistério. É assim, por exemplo, em *O segredo do velho Martin*, narrativa de Claude Saint Ogan, que faz parte da coleção<sup>2</sup>. Nela, as filhas do casal Berger, Eliana, Germana, Suzi, Genoveva e Joaquina ajudam a descobrir a verdadeira identidade da amiga e vizinha, Luiza, que havia sido trocada por uma ex-criada de sua tia. Pensando estar cuidando da filha de um casal que morrera no Brasil, a tia da menina cuidava da verdadeira sobrinha que havia sido trocada pela filha do casal morto. A verdade vem à tona em virtude de uma série de coincidências, pois a força do destino atua fortemente para que as personagens se encontrem nos mais distantes lugares, como é o caso de Geraldo, amigo da família Berger, o qual se torna amigo do Sr. Martin no Brasil e lhe conta sobre a troca das meninas.

Além das inúmeras coincidências, as narrativas estão permeadas de uma moral maniqueísta, na qual o bem e o mal, o vício e a virtude, o belo e grotesco são facilmente reconhecidos. Assim, às leitoras cabe a tarefa de identificar as personagens segundo a alternância maniqueísta, identificando-se com as personagens positivas.

Outro aspecto predominante nas narrativas é a presença da força divina identificada com fé católica. A magia, tão típica das narrativas voltadas para crianças e adolescentes, é substituída pela figura de Deus e da Providência, de forma que, em vários momentos, as personagens se envolvem em ações que remetem às práticas cristãs católicas como a missa ou os sacramentos: “E o infeliz calou-

se, vencido pela fraqueza. Um padre, chamado às pressas, administrou-lhe os últimos sacramentos” (SAINT-OGAN, 1957, p. 76) ou ainda, “No domingo, durante a missa, Luísa viu de mais perto os jovens vizinhos. Estes, por sua vez, a haviam notado entre os camponeses que compareceram à igreja” (p. 50).

Caracterizando-se predominantemente como narrativas nas quais a aventura ocupa um lugar central, o interesse das leitoras da *Coleção Menina e Moça* é ativado pela profusão de ações e de personagens que se apresentam rapidamente sem grande densidade psicológica ou emocional. Neste universo, sobrepõem-se os valores cristãos das personagens quase sempre católicas como se verá posteriormente e uma fé positiva na vida, fazendo crer sempre na superação dos obstáculos e dos conflitos, fato que se nota pela predominância dos desfechos positivos construídos para as personagens (92 delas terminam em situação de equilíbrio positivo contra apenas 25 em situação de equilíbrio negativo).

Nas 13 narrativas do *corpus*, foram encontradas 153 personagens cujos dados foram levantados. A maior parte delas fazia parte de narrativas nas quais se observou a predominância de narradores heterodiegéticos. Apenas 4 narrativas possuíam narradores autodiegéticos. No discurso narrativo, observou-se o uso frequente de prolepses, expedientes narrativos que permitem ao narrador antecipar acontecimentos e criar maior expectativa do leitor em relação à história:

[...] mas sentir-se-ia bem perturbado se lhe dissessem em que aventuras seria envolvido, pelo simples fato de ter uma companhia de estradas de ferro perdido sua valise; ficaria atônito se lhe contassem quais as consequências extraordinárias e inesperadas que iriam resultar, mais tarde, de sua entrada naquele humilde bazar (SAINT-OGAN, 1957, p. 22-23).

Com relação ao espaço das fábulas, observou-se a predominância dos espaços campestres e rurais, com presença também de espaços urbanos de médio e grande porte, estes últimos em menor quantidade. Esta configuração espacial das histórias talvez se explique pelo fato de que na época da publicação das histórias os espaços urbanos não eram tão hegemônicos quanto se tornaram a partir das primeiras décadas do século XX:

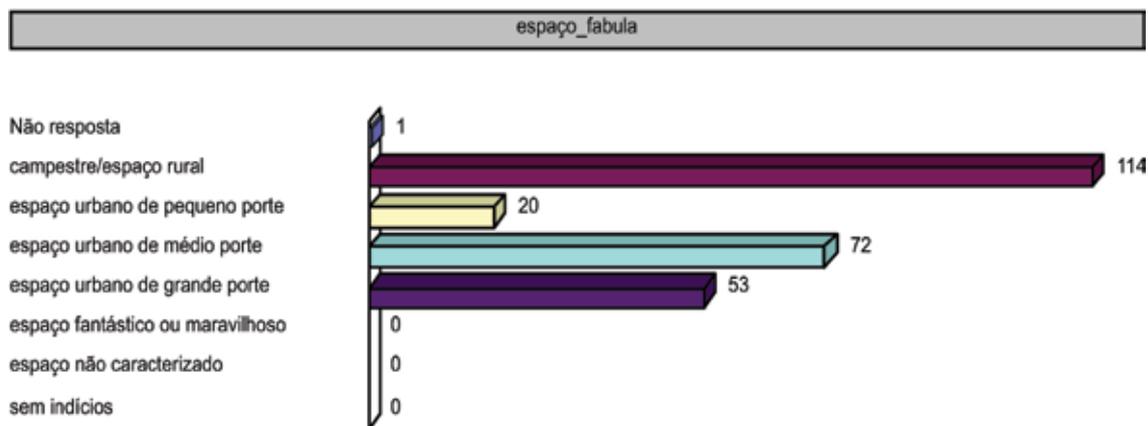


Fig. 1 – Espaço das fábulas da *Coleção Menina e Moça*

Quanto às personagens das narrativas, o levantamento realizado aferiu a presença equitativa quanto ao gênero, já que 78 personagens eram homens e 75 mulheres. Embora não haja distinções quanto à representação numérica dos gêneros, fica evidente na Coleção certo esquadramento dos comportamentos e papéis sociais femininos e masculinos. Ao homem reserva-se o espaço aberto, a rua, a cidade; à mulher, os espaços fechados, a casa. Ao homem cabe o papel de provedor do lar, por meio do trabalho; à mulher, o zelo moral e os cuidados domésticos. Estes papéis são fartamente observados em *O segredo do velho Martin*, no qual os homens (Sr. Julio Berger, Geraldo Valgère, tio Sigilas) trabalham como mantenedores de suas famílias ao passo que as mulheres (as filhas de Júlio Berger, sua esposa, a vizinha Isaura de Codraye) apenas estudam ou cuidam de afazeres domésticos. Ao mesmo tempo em que delimita na narrativa os espaços de atuação dos gêneros, o narrador refina os papéis femininos e masculinos, observando-lhes os gestos quando menciona as prendas domésticas, a generosidade, a gentileza, a docilidade para as mulheres:

Educadas por mãe religiosa e dedicada, eram muito boazinhas, revelavam grandes qualidades morais e viviam unidas pelos laços do mais vivo afeto (SAINT-OGAN, 1957, p. 13).

A senhora Berger desejava que as filhas se tornassem boas donas de casa e impunha-lhes, por isso, alguns trabalhos domésticos (SAINT-OGAN, 1957, p. 14).

[...] enquanto esperava a hora de ir para a escola, apanhou um trabalho de agulha que tinha começado. Era um lençinho que estava bordando para o aniversário da professora (SAINT-OGAN, 1957, p. 108).

A senhora Dutemple achava as meninas muito gentis e educadas. O precoce bom-senso de Eliana surpreendeu-a e encantou-a (SAINT-OGAN, 1957, p. 118).

Para os homens, são destacadas a virtude, a coragem e a honra:

O jovem Valrèges era um moço inteligente, trabalhador, ativo, devotado e possuidor de grande coração [...] Só por esse preço poderia o moço salvar suas dívidas e as de seu pai, conservando intato o patrimônio de honra deixado por seus antepassados [...] Todos os Valrèges eram enérgicos e valentes (SAINT-OGAN, 1957, p. 8-9).

A tenacidade e a modéstia aparecem também como características das personagens masculinas:

Sob o sol ardente de verão, ou enfrentando as carícias ásperas das brisas do outono, quer chovesse a cântaros, quer o gelo recobrisse o solo, imutavelmente, quatro vezes por dia, às mesmas horas, o senhor Berger passava pela frente da casa dos vizinhos, servindo-lhes de relógio. O Senhor Berger trabalhava havia trinta anos numa grande empresa. Não era ambicioso, tinha gostos simples e agradecia a Deus, todos os dias, pela vida tranquila e feliz que levava entre a mulher as filhas (SAINT-OGAN, 1957, p. 12-13).

Esta divisão dos papéis femininos e masculinos, somada aos preceitos católicos como a modéstia, a abnegação, a bondade e tenacidade desenham a linha divisória entre homens e mulheres a partir dos espaços sociais reservados a cada um:

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar. Nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertencia a rua e o mundo do trabalho (MALUF; MOTT, 2012, p. 374).

Quanto à cor das personagens, elas são notadamente brancas, evidenciando um apagamento de indivíduos não brancos (mulatos, amarelos, negros) e o alinhamento dos escritores a uma visão de sociedade bastante homogênea e que não corresponde aos padrões de cor dos indivíduos na realidade social. Além disso, quando indivíduos não-brancos aparecem nas narrativas, normalmente são apresentados em posições sociais subalternas como empregados e vistos com estranhamento, fazendo crer que apenas a cor branca faz parte da “normalidade” dos seres. É deste modo que o criado malaio do Sr. Sigilas, de “cor de cobre”, é visto no mesmo texto de Saint-Ogan, *O segredo do Velho Martin*: “de pé, estava um criado estranhamente trajado: usava longa túnica, apertada à cintura por uma faixa e um turbante emoldurava-lhe o rosto cor de cobre” (SAINT-OGAN, 1957, p. 37). A hegemonia da cor branca pode ser observada nos dados da figura 2:

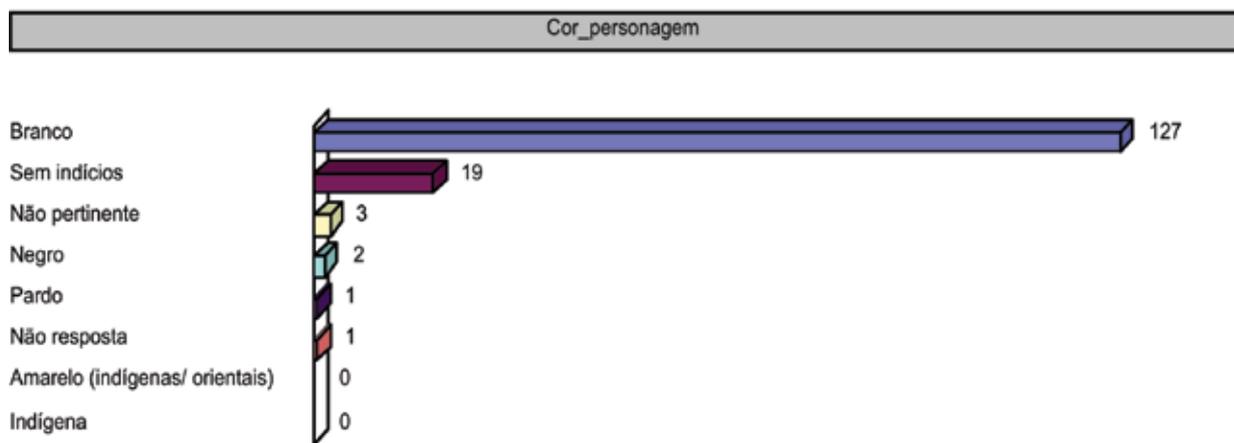


Fig. 2 – Cor da personagens da *Coleção Menina e Moça*

Entre as características físicas, embora grande parte das personagens (66) apresente poucos indícios de atributos físicos, notadamente, há uma preferência pela construção de personagens belos e de aparência aprazível, sendo evidente a prevalência de personagens belos e elegantes em detrimento dos feios e deslegantes, assim, como há preferência por personagens de olhos claros e loiros, fixando um tipo europeu, como demonstra a figura 3:

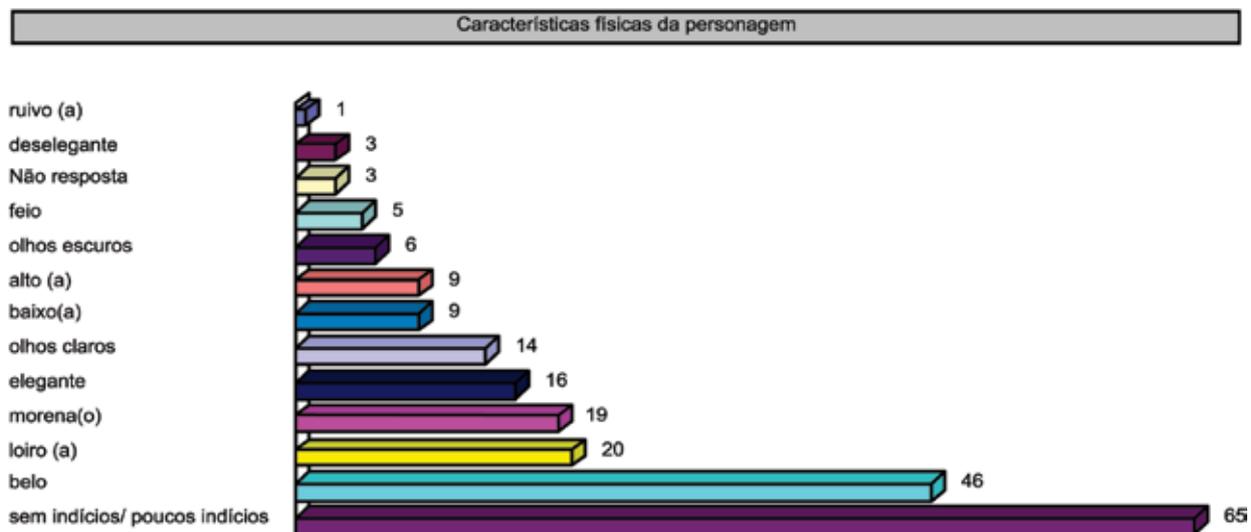


Fig. 3 – Características físicas das personagens da *Coleção Menina e Moça*

Quanto à escolaridade, as personagens das 13 narrativas do *corpus* constituem-se como escolarizadas ou altamente escolarizadas, já que 86 das 153 encontram-se nestas categorias. Muito embora não se tenha podido aferir dados sobre escolarização de 48 personagens, já que não foram encontrados indícios a respeito de seu grau de escolaridade, o que se observa é que a maior parte das personagens que povoa o universo diegético das narrativas pertence a meios letrados, tendo, portanto, acesso à cultura e a bens letrados:

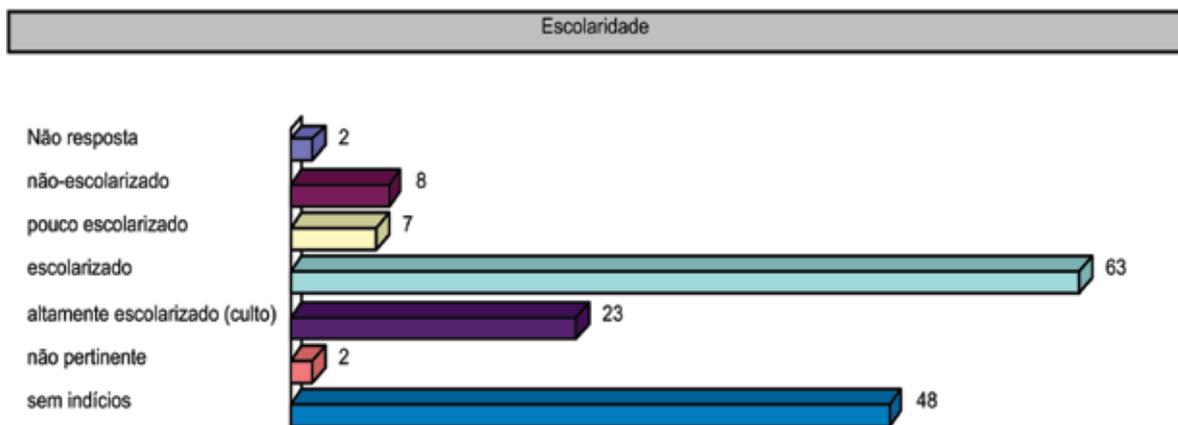


Figura 4- Escolaridade das personagens da *Coleção Menina e Moça*

A *Coleção* remete, pois, a uma formação escolar bastante distinta da maioria da população brasileira, junto à qual os livros seriam divulgados, já que nas décadas de 1940 e 1950 – época de divulgação e consumo da coleção – apenas, respectivamente, 44% e 49% da população brasileira sabiam ler e escrever<sup>3</sup>, fazendo crer que a caracterização da escolaridade das personagens da *Coleção Menina e Moça* limita-se a uma realidade vivida apenas por minorias, coincidindo, não fortuitamente, com as questões de pertencimento econômico. Deve-se destacar, também, que quando cruzados os dados a respeito de escolarização e gênero, os homens possuem os graus mais elevados, com 26 personagens altamente escolarizados contra apenas 2 mulheres.

Com relação ao pertencimento socioeconômico, as personagens da *Coleção*, seguindo a lógica da representação das minorias, pertencem, majoritariamente, às elites econômicas, sendo notável que várias personagens apresentem uma mobilidade econômica ascendente, ou seja, pertenciam à classe média ou pobre e passam para uma classe econômica mais favorável. Fica também patente a menor visibilidade dada a classes minoritárias (miseráveis, mobilidade descendente e pobres) representadas por apenas 27 personagens contra 125 das classes média, mobilidade ascendente e elite. Configura-se, assim, nas narrativas da *Coleção* um universo bastante elitizado, coincidente, portanto, com a posição econômica da burguesia, seja brasileira, seja francesa:

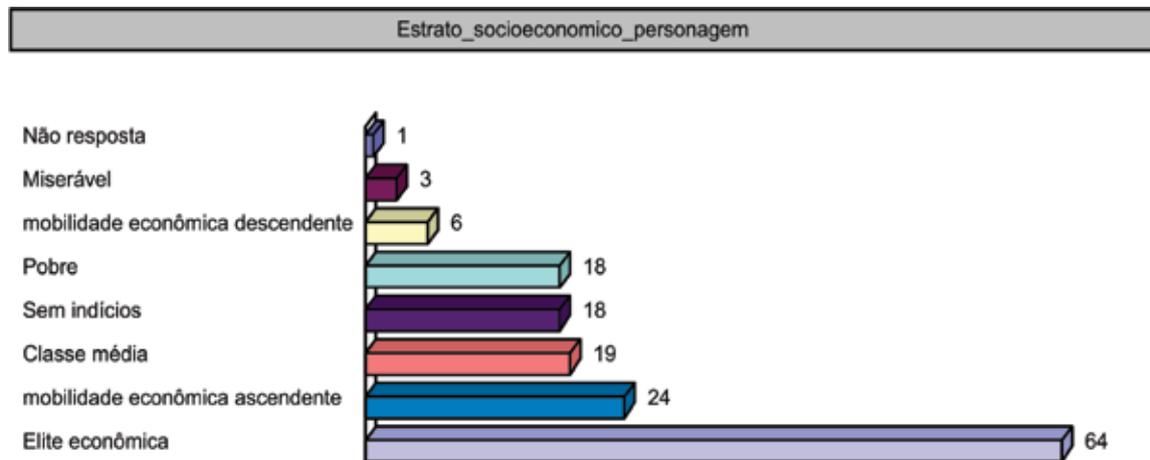


Figura 5- Estrato socioeconômico das personagens da *Coleção Menina e Moça*

Finalmente, com relação à religião, não foi possível realizar um levantamento preciso, pois não foram encontrados dados sobre 65 personagens. Entretanto, fica evidente que houve, por parte dos produtores dos textos, a intenção de marcar uma orientação católica no universo representado, pois das 153 personagens levantadas, 85 são caracterizadas como católicas, como se vê na figura 6:

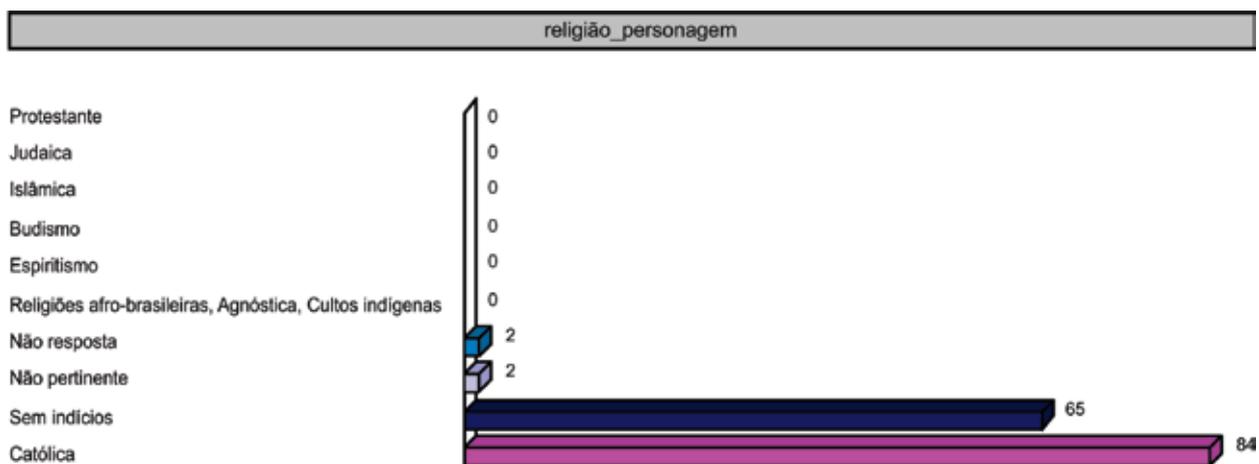


Figura 6- Relação religião/personagem da *Coleção Menina e Moça*

Evidencia-se, neste aspecto, a origem da *Coleção Menina e Moça*, tradução da *Bibliothèque de Suzette*, idealizada pelos editores católicos Gautier-Languereau cuja intenção era formar a burguesia católica feminina. Além de apontarem a orientação católica da maioria das personagens, os narradores

dos textos pontuam suas narrativas com cenas ou gestos que parecem ter o escopo de reforçar e disseminar preceitos importantes da fé católica. É assim, por exemplo, quando o narrador destaca a modéstia do Sr. Júlio Berger, pai de família de classe média que trabalha tenazmente: “Não era ambicioso, tinha gostos simples e agradecia a Deus, todos os dias, pela vida tranquila e feliz que levava entre a mulher e as filhas” (SAINT-OGAN, 1957, p. 13). A crença na providência divina como responsável pelo destino dos homens é frequentemente observada: “– Foi Deus, meu querido tio! Respondeu a senhora Berger. É sua mão invisível e poderosa que nos conduz e nos orienta... Agradecemos a sua bondade” (p. 170). O altruísmo e abnegação também são valores católicos destacados, cujo exemplo vem da menina Luísa que, desde pequena, sabia repartir com os pobres suas economias: “Ela devia, segundo os cálculos de Suzi, ter dinheiro, economizado das importâncias mensais que desde algum tempo vinha recebendo; era uma mensalidade regular da qual algumas moedas eram desviadas para os pobres” (p. 123).

Ao traduzir a *Bibliothèque de Suzette* para o público brasileiro, a José Olympio parece ter se apropriado enfaticamente do caráter religioso permeado nas páginas das narrativas que deram origem à *Coleção Menina e Moça*. É desse modo que se pode, portanto, interpretar o relevo dado a personagens do mundo católico como o Padre Álvaro Negromonte e Tristão de Athayde, convocados a afiançar o valor da Coleção diante não só das leitoras mirins como também dos principais mediadores entre elas e os textos, a saber, seus pais.

### **Estratégias editoriais e o público feminino mirim: ideologia e formação de leitores**

Como se pode notar pelos dados analisados, há uma estreita convergência entre as convenções sociais e literárias inscritas nos textos e os protocolos de leitura presentes na materialidade dos livros da *Coleção Menina e Moça*. Tal convergência afere coerência à coleção já que materialidade e convenções sociais e literárias dialogam em torno da formação de um mesmo público: adolescentes do sexo feminino, alinhadas aos ideais burgueses e católicos, cujo lugar (espacial e social) parece delimitado pelo privado, no qual o dever ser das mulheres se restringe ao papel de esposa, futura mãe e leitora de livros que não comprometam sua moral. Além de formular um ideal feminino, as prescrições de leitura presentes nas orelhas, folhas de rosto, quarta capas e nas convenções sociais construídas por meio das personagens permitem uma regulação mais precisa do lugar e da leitura a ser realizada pelo público, uma leitura que, se propõe a diversão das leitoras com histórias de aventuras e muita ação, não deixa de ratificar os valores burgueses mais tradicionais: a primazia das elites, a pretensa hegemonia da cor branca, os valores católicos coroados pela crença na providência que reserva aos seus crentes desfechos de vida sempre felizes.

A coleção evidencia que a editora, inserida num lugar de poder, enseja um tríptico projeto: 1) de caráter econômico – promover a formação de novas categorias de leitores (as meninas e as adolescentes); 2) de caráter ideológico (legitimação dos valores burgueses católicos elitistas com ênfase ao papel feminino na sociedade da época – desenvolvimento da cordialidade feminina e do preparo para o casamento e maternidade, 3) de caráter literário e cultural (desenvolvimento de habilidades leitoras para o consumo de textos ficcionais e desenvolvimento de uma cultura da leitura).

Graças à coincidência de objetivos entre os textos fontes (*Bibliothèque de Suzette*) e os objetivos do editor brasileiro, a saber, fomentar a educação burguesa de orientação católica para moças, a *Coleção Menina e Moça* obteve pleno êxito junto a leitoras mirins brasileiras, chegando a representar, junto a outras coleções voltadas para o público feminino, 1/3 de toda tradução estrangeira em 1942 (MICELI, 2010, p. 154-155). Tal fato ilustra uma estratégia editorial de construção de públicos

associada à criação de uma identidade estética e cultural evidenciando a emblemática função dos mediadores de leitura (no caso, a Editora José Olympio) em nosso país onde, rarefeita ou não, a leitura deixa suas marcas para além da diversão dos leitores.

## **Ways of reading in Brazil: the *Coleção Menina e Moça* and the formation of girls and young women readers between the decades of 1930 and 1960**

### **ABSTRACT:**

This article will deal with the collection of books titled *Menina e Moça*, published by José Olympio publishing house from 1934. The collection comprehends a strategy for readers formation in Brazil, particularly for girls and young women readers. The analysis will focus on the elements that involve the materiality of the texts from the collection and the compositional strategies of them (represented characters, narrators, structure of the fables), highlighting the aspects that point to ideological and aesthetical construction of a female public that the collection intended to form.

**Keywords:** Reading in Brazil. Girls and young women readers. *Coleção Menina e Moça*.

### **Notas explicativas**

- \* Professora Associada do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, UEM.
- <sup>1</sup> Este levantamento foi feito por meio da construção de questionários elaborados para todas as personagens das narrativas do corpus (fontes primárias). Os dados dos questionários foram submetidos ao programa *Sphinx Survey* 5.0, versão Léxica que gerou os gráficos utilizados neste artigo.
- <sup>2</sup> Para fins de exemplificação de aspectos pontuais sobre a Coleção, utilizou-se a narrativa *O segredo do velho Martin*, de Claude Saint-Ogan, publicada em 1957.
- <sup>3</sup> Dados retirados na *Sinopse do Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920*. População do Brasil. “Coeficientes da população dos Estados do Brasil em 1872, 1890 e 1920 segundo o grau de instrução e a idade, p. 26-27. In: CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *A população do Brasil: dados censitários – 1872/1950*, 1958, p. 3.

### **Referências**

- CARVALHO, M. M. C.; TOLEDO, M. R. A. Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura: análise material das coleções Atualidades pedagógicas e Biblioteca da Educação. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: OLKOS, 2007, p. 461-461. Livro de resumos.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da UNB, 1999. 110 p.
- \_\_\_\_\_. *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 268 p.

- DUTRA, E. F. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil dos anos 30. In: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Niterói. *Anais...* Universidade Federal Fluminense, 2004.
- HALLEWELL, L. José Olympio. In: \_\_\_\_\_. *O livro no Brasil* (2ª ed. rev. e ampl.). São Paulo: Edusp, 2005. p. 415-476. 809 p.
- MAGALHÃES, G. F. Ação católica, ação política: as influências do grupo católico durante o Estado Novo. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2005. *Anais...* Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.
- MALUF, M.; MOTT, M. L. Rocônditos do mundo feminino. In: SEVECENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, p. 367-422.
- MASON, M. Children's literature, religion and modernity in the Latin Countries (France, Italy, Spain). In: DE MAEYER, J. et al. *Religion, Children's literature and Modernity in Western Europe (1750-2000)*. Belgium: Leuven University Press, 2005. p. 175-194. 536 p.
- ORLANDO, E. A.; NASCIMENTO, J. C. A igreja católica e a educação brasileira: Álvaro Negromonte e ao discurso de moralização da nação. *Scientia Plena*, vol. 3 (5), 2007, p. 180-185.
- ORLANDO, E. A. Os catecismos de Álvaro Negromonte em seu suporte material e a estratégia da coleção como distinção. In: II SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2009, Niterói. *Anais...* Niterói: LIHED, 2009.
- SILVA, M.C. A Coleção Menina e Moça: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. *Currículo sem fronteiras*, v.10, n.2, p. 91-105, jul/dez. 2010.
- TOLEDO, M. R. A. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções (1925-1980): entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: II SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVROS E HISTÓRIA EDITORIAL, 2009, Niterói. *Anais...* Niterói: LIHED, 2009.
- VENTURA, M. et al. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998. 215 p.

## Fontes primárias

- AMESTOY, A. *O lagarto azul*. Trad. Lygia Estrada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. (Coleção Menina e Moça).
- BOUCERT, Marguerite. *A princesa de neve e Canção de outrora*. Trad. Ana Maria Martins. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1954. (Coleção Menina e Moça, v. 21).
- BOURCET, Marguerite. *Nas malhas do destino*. Trad. Bastos Portela. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1964. (Coleção Menina e Moça).
- CATALANY, Myriam. *A prisioneira do subterrâneo misterioso e O torreão secreto*. Trad. Vicentina de Carvalho. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1951. (Coleção Menina e Moça).
- CATALANY, Myriam. *O inevitável Sir. Jerry*. Trad. Gulnara Lobato de Moraes Pereira. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1954. (Coleção Menina e Moça).
- CHANCEL, Jules. *Nanette, a acendedor de lâmpioes*. Trad. Noêmia de Azevedo. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1947. (Coleção Menina e Moça, v.18).

- DOMBRE, Roger. A glória da família/Memórias de um gato aventureiro (Um descendent de Chinete). Trad. Beatriz de Vecenzi. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954. (Coleção Menina e Moça).
- DONAL, M. *Congresso de bonecas*. Trad. Raquel de Queiroz. São Paulo: Livraria José Olympio, 1947. (Coleção Menina e Moça).
- GIRAUD, H. Mad. *Sir Jerry na Bretanha*. Trad. Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1947. (Coleção Menina e Moça, v. 14).
- GIRAUD, H. Mad. *A perigosa missão do Capitão Jerry*. Trad. Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 2 ed., 1948. (Coleção Menina e Moça, v. 19).
- LOISEL, Y. *A casa dos cravos brancos*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1954. (Coleção Menina e Moça, v.17).
- PERRONET, Mme. Charles. *A pequena refugiada*. Trad. Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1954. (Coleção Menina e Moça).
- SAINT-OGAN, Claude. *O segredo do velho Martin (Les deux Françoise)*. Trad. T. Nobre. São Paulo: Livraria José Olympio, 1957. (Coleção Menina e Moça).

Recebido em: 15 de maio de 2013

Aprovado em: 15 de outubro de 2013